

DOSSIÊ: PERSPECTIVAS QUEER NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM  
RESENHA

BUCHOLTZ, Mary; CASILLAS, Dolores Inés; SOOK LEE, Jin (org.). *Feeling It: Language, Race, and Affect in Latinx Youth Learning*: Routledge, 2018. 278 p. ISBN 978.113829.680.0

Resenhado por Raquel de Almeida Rodrigues <sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Recebido em: novembro de 2020

Aceito em: dezembro de 2020

DOI: 10.26512/les.v21i2.35203

*Feeling It: Language, Race, and Affect in Latinx Youth Learning* marca na materialidade linguística do subtítulo, um posicionamento *queer*<sup>2</sup> que salienta o “x da questão” central tratada pelos treze capítulos reunidos, que posiciona jovens como fonte de conhecimento sociocultural especializado (além de atores sociais com agência para transformação sociopolítica): a relação entre afeto (tema caro para os estudos queer desde a obra pioneira de Eve K. Sedgwick), raça e justiça sociolinguística em contextos educacionais. O livro se propõe a contribuir com um projeto político de justiça educacional para combater ameaças à humanidade, o bem-estar e a sobrevivência da juventude racializada. Uma pista de o quanto a questão do afeto, especificamente, será de grande valor na obra, também é dada no próprio título no qual o verbo sentir (*feel*) no gerúndio (*feeling*) indica um processo ativo inacabado sem revelar um objeto específico do sentimento pelo uso do pronome impessoal e neutro *it* desprovido de conteúdo semântico.

O capítulo 1, chamado “*You Feel Me?*”, expõe os bastidores e contexto da obra como resultado de uma integração de saberes, conhecimentos e experiências interdisciplinares envolvendo

<sup>1</sup> E-mail: mzrodriguez@gmail.com.

<sup>2</sup> Em inglês poucas palavras para designar plural levam marcação de gênero. Latino e latina, como estrangeirismos, mantêm a marcação e costumam assumir o masculino no plural, como em “Latino communities”.

projetos de extensão da *University of California, Santa Barbara* (UCSB). Em 2010, ao observar que seus alunos de graduação tinham uma experiência transformadora em seus primeiros encontros com discussões acadêmicas sobre linguagem, raça e aprendizagem (experiências que revelavam a ausência de tais questões em sua escolaridade prévia), as organizadoras fundaram um programa chamado *SKILLS*<sup>3</sup>, um acrônimo para *School Kids Investigating Language in Life and Society*. Os capítulos reunidos derivam de experiências pedagógicas de parcerias do programa e alunos da universidade que participaram do seminário *The Politics of Race and Language in Learning Contexts*<sup>4</sup>.

O livro é dividido em três partes temáticas. A parte 1, *Teaching, Learning and the Affective Challenges of Social Justice*, aborda as experiências e perspectivas de membros do corpo docente e alunos da pós-graduação envolvidos no *SKILLS* em diversos encontros educacionais. No capítulo 2, *Just Emotions*, Rachel Rys explora emoções que emergiram durante o seminário nas primeiras semanas do curso quando um participante emitiu uma pergunta retórica (“Quando as pessoas vão finalmente superar a colonização?”) em que se mostra cético quanto a atual relevância da colonização para os estudos de raça e linguagem. Entrevistas realizadas com quase todos os participantes sobre o papel da emoção na aprendizagem, revelam a predominância de uma ideologia de desdém que descartava afeto como “*just emotions*”, onde o adjetivo *just* é usado com o sentido de ‘meras’ ou “apenas emoções”, vistas como pessoais ou individuais, e apoiada por um discurso dominante que desconecta emoções de história e poder. Tal discurso é contrastado com o conceito de “*just emotions*” como “emoções justas” (AHMED, 2004) em uma relação entre emoção, poder e justiça. Rys defende, magistralmente, que reconhecer emoções como socialmente compartilhadas e historicamente situadas tem consequências importantes para pedagogias e políticas voltadas para a justiça sociolinguística e sua análise contribui para um foco em afeto e emoção que o seminário e o livro não teriam a priori.

No capítulo 3, *Joint Creation*, Elizabeth Mainz analisa como suas crenças linguísticas, criadas na interseção de experiências pessoais e ideologias linguísticas maiores, interagem em uma matriz complexa e podem desencaminhar práticas pedagógicas reprodutoras (in)justamente das ideologias que professores estão tentando rejeitar em suas crenças. Considero um alerta, que pode servir como uma preocupação útil a todo docente comprometido. No capítulo 4, *Sounding White and Boring*, Anna Bax e Juan Sebastian Ferrada, expõem uma experiência problemática em um contexto não escolar em um centro de convívio para adolescentes. Apesar da filosofia do programa de ir

<sup>3</sup> <http://www.skills.ucsb.edu/>

<sup>4</sup> Podemos visualizar em: <http://www.graddiv.ucsb.edu/financial/crossroads/prior-ucsb-crossroads-projects/the-politics-of-race-and-language-in-learning-contexts>

além da ‘escola convencional’ (do ensino tradicional), a dupla encontrou desafios ao adaptar as aulas planejadas para um centro comunitário para jovens. Todos os capítulos da primeira parte mostram como a relação entre ideologias raciais-linguísticas de participantes do seminário e seus posicionamentos situados informam suas interações em descrições etnográficas que podem contribuir muito para teorizações da linguística e pedagogia *queer*.

Enquanto a primeira parte aborda o potencial e os limites dos esforços pela justiça social no ensino e aprendizagem, a parte 2: *Ideologies of Race and Language in the Lives of Youth*, lida com certas ideologias simultaneamente linguísticas e raciais que afetam e posicionam jovens latinxs racializadxs na Califórnia. No capítulo 5, *There’s No Such Thing as Bad Language, but...*, Love-Nichols discute como uma ideologia racial e linguística de adequação, derivada da ideologia tão combatida e refutada de déficit, se baseia em sub-ideologias de formalidade e valor que privilegiam o inglês padrão e a linguagem acadêmica, posicionando a forma linguística acima do usuário da língua como uma questão central e apagando a realidade de falantes racializados. Semelhantemente, no capítulo 6, *I Feel Like Really Racist for Laughing*, Corella investiga como a ideologia de *colorblindness* reforça a hegemonia branca na sala de aula. Analisando uma discussão sobre humor racial e linguagem em sala, a autora cunha o termo “*white laughter*” para descrever uma estratégia de manutenção da supremacia branca na sala de aula como espaço público.

Já no capítulo 7, *You Don’t Look Like You Speak English*, Zarate nos oferece o conceito de *raciolinguistic profiling* (derivado de *racial profiling*<sup>5</sup>), como um processo ideológico que mapeia a linguagem em corpos racializados. A autora aponta para a racialização da linguagem na vida de jovens latinxs e a microagressão no cotidiano de corpos policiados por expectativas ideológicas normativas de como linguagem e raça percebidos deveriam se alinhar. No capítulo 8, *The Complexities in Seguir Avanzando*, Carruba-Rogel aborda o processo emocional e intelectual de seus alunos transformarem suas percepções e ideologias de bilinguismo e translanguismo positivamente. Ao mesmo tempo destaca a importância do acompanhamento da família neste processo, que desafia normas impostas por políticas públicas naquela fronteira com ideologias linguísticas e políticas de higiene verbal, de embranquecimento e de apagamento de um povo pela exclusão de sua língua e práticas de linguagem em espaços públicos. Esta questão da participação da família em processos de contestações de normas pode trazer reflexões importantes no cenário atual das comunidades escolares brasileiras altamente beligerante devido ao crescimento do conservadorismo e seu projeto “Escola sem Partido”.

---

<sup>5</sup> Uma forma de enquadrar pessoas em um perfil pela raça, frequentemente utilizada pela polícia do Rio de Janeiro, por exemplo.

Na parte 3: *Youth as Affective Agents*, o capítulo 9, *Keeping Grandpa's Stories and Grandma's Recipes Alive*, Hirst investiga como seus alunos se apropriam do conceito de “política linguística na família” para refletir sobre o papel da língua nas suas vidas no presente e no futuro. O capítulo 10, *Without Me That Wouldn't be Possible*, de Lopez, também toca em uma questão cara a muitxs latinxs de fronteira em suas relações com língua e família, o bilinguismo e a tradução cotidiana em práticas de “*language brokering*”, i.e. práticas nas quais crianças, tipicamente filhxs de imigrantes, usam seus conhecimentos de duas (ou mais) línguas e culturas para falar, ler, escrever e fazer coisas para outrem (ORELLANA, 2009). Lopez faz uma interessante análise multisemiótica bastante corporificada usando pistas contextuais de interações conflituosas entre jovens relatando seus sentimentos sobre tal prática. O capítulo 11, *To Find the Right Words*, expande a discussão para uma reflexão sobre o significado mais amplo de tradução e equivalência entre línguas com base na leitura de Glória Anzaldúa e enfatizando a escrita livre. No capítulo 12, *Co-Constructing Academic Concepts*, Aragón, adotando uma linguagem coloquial com os jovens em uma relação mais horizontal, demonstra, primorosamente, como práticas pedagógicas translíngues de *style-shifting* podem contribuir para co-construção de conhecimento em que a linguagem acadêmica seja um recurso para expansão de repertório discursivo, ao invés de uma restrição.

As organizadoras, no capítulo 13, *After Affects*, mais uma vez enfatizam o poder do afeto na luta pedagógica pela justiça sociolinguística, evocando fatos históricos recentes de políticas linguísticas daquela fronteira, assim como atentados de supremacistas brancos dentro da universidade, se posicionando em reflexões sobre esta etnografia longitudinal em escritas auto/etnobiográficas. Por fim, a obra, imprescindível para a formação docente descolonial, desafia a primazia de ideologias linguísticas e pedagógicas excludentes, o uso exclusivo do “inglês padrão” do homem branco de classe média em todos os âmbitos da vida acadêmica estado-unidense na fronteira com o México e encoraja práticas de resistência ao autoritarismo através de uma pedagogia *queer*, que leva a questionar as relações do eu com o outro (LOURO, 2004). Está ali posto um convite a olhar, através do afeto, para a transgressão de normatividades hegemônicas sociolinguísticas e educacionais que discriminam corpos racializados no dia-a-dia dentro e fora de sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- AHMED, S. *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORELLANA, M. F. *Translating childhoods: Immigrant youth, language, and culture*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2009

SEDWICK, E. K. *Touching Feeling. Affect, Pedagogy, Performativity*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.